

Pseudônimo: Marcos Belém

O encontro com o estrangeiro em *Central do Brasil* de Walter Salles Jr.

Márcio de Oliveira Bahia
Graduando em Letras

O cinema é, sem dúvida alguma, um dos mais fortes instrumentos semióticos desenvolvidos no século XX. Ultrapassando até mesmo as possibilidades literárias, o cinema pode lançar mão, além da narrativa em si, de outros recursos artísticos como a fotografia, a música e a interpretação dos atores. Entretanto, exatamente por ter sido uma arte que conheceu o seu desenvolvimento apenas no século XX, o cinema sempre recorreu à literatura como inspiração para a realização de suas produções cinematográficas. “Ler o livro e ver o filme” tornou-se uma atividade corriqueira para cinéfilos e amantes da literatura. Nada mais natural, portanto, que no nível acadêmico as reflexões e análises aplicadas às narrativas literárias sejam trazidas também para as narrativas cinematográficas. É a partir desta ponte entre literatura e cinema que nos apropriaremos aqui de um artigo primeiramente direcionado a narrativas literárias e o aplicaremos a uma narrativa cinematográfica.

Myriam Ávila¹, em seu artigo “O Encontro com o Estrangeiro - Uma Tipologia”², dá uma importante contribuição aos estudos literários de viagem

¹ Myriam Ávila é tradutora e professora de Teoria da Literatura na Universidade Federal de Minas Gerais. Mestre em Literatura Inglesa e Doutora em Literatura Comparada.

² SANTOS; PEREIRA (Org.), 2000. p.143-150.

ao propor diversas instâncias (políticas, sociais e psíquicas) que se estabelecem a partir do encontro com o radicalmente outro. Em seus estudos de relatos de viagem, a autora constatou que estes encontros apresentavam determinados traços constantes, moldes comunicativos que apontariam para a existência de quatro tipos distintos de encontro: **Colonização**, **Fantasmático**, **Turista** e **Demarcação de Fronteiras**. Para que o leitor possa melhor entender esta tipologia faremos aqui uma breve descrição de cada categoria.³

Colonização: Como o próprio nome já explicita, este tipo de encontro pressupõe a submissão (forçada ou voluntária) do outro. O dominador normalmente utiliza artefatos e aparatos que possam impressionar o dominado e assim legitimar a sua superioridade em relação aos que pretende colonizar. Este tipo de encontro é ilustrado por Ávila utilizando-se um pequeno trecho do livro *Reinações de Narizinho* (“A História do Gato”) de Monteiro Lobato. Emília ouve atentamente o gato relatar um virtual encontro entre Cristovão Colombo e índios nativos no momento do descobrimento. Colombo deixa os índios maravilhados com seu navio e com seus chapéus, plumas e trejeitos. Diante do arsenal de artefatos de dominação que legitimam a superioridade do colonizador, o cacique jocosamente reconhece:

Estamos descobertos, rapaziada! Este é o tal Cristovão Colombo que vem tomar conta das nossas terras. O tempo antigo lá se foi. Daqui por diante é vida nova — e vai ser um turumbamba danado...

Fantasmático: Neste tipo de encontro existe a projeção do outro como algo não-humano. O outro é representado como ser sub-humano (bicho, coisa, macaco) ou como ser super-humano (monstro fabuloso, super-homem, anti-cristo). Para ilustrar este tipo de encontro, a autora utiliza uma citação extraída do livro *O Brasil visto pelos ingleses*, de Mello Leitão, no qual é relatado o encontro entre um viajante inglês (Koster) e sertanejos do interior do Brasil. Indo de Natal para Açú, Koster é interceptado por alguns homens que tinham sabido que aí havia um inglês, e “*inglês era bicho que nunca tinham visto*”. Outro sertanejo duvidara até mesmo da identidade do viajante, porque, dizia, “*inglês herético não pode ter aspecto de homem*”. A construção da imagem do outro se dá não através da experiência empírica,

³ Para melhor sistematização do que se pretende demonstrar, apresentarei aqui os quatro tipos numa ordem diferente daquela apresentada pela autora em seu artigo.

mas sim como projeção das próprias fantasias. Negando-se ao outro a condição humana, afirma-se a preservação da própria identidade.

Turista: O turista é aquele impulsionado pelo desejo de buscar no exótico sensações e experiências novas. Apesar disso, a experiência da viagem não interfere no seu “eu” já constituído, não o entranha, e o outro é objetificado em forma de fotografia, diário ou filmagem. Esta objetificação impede o diálogo, a troca, a comunicação já que não se reconhece o outro como sujeito. Utilizando um poema de Christian Morgenstern, Myriam Ávila analisa um certo senhor Palmström, personagem que sente enorme prazer em suas grandes aventuras turísticas. Entretanto, estas aventuras são apenas *armazenadas* em forma de diário, fotografia ou filmagem, nunca abrindo acesso à significação. Passa-se pela experiência do não-familiar, mas a identidade do “eu” permanece a mesma.

Demarcação de fronteiras: Numa etapa mais avançada que a do turista, aqui já se reconhece a existência autônoma do outro. Apesar de já haver o diálogo, é necessário que se delimite as fronteiras de cada voz, para que o pânico diante da alteridade possa ser mantido através de um pacto de não-invasão. O espaço de cada uma das partes tem que ser respeitado e mantido. O encontro de Alice e o Unicórnio no clássico *Through the looking glass* de Lewis Carol ilustra a demarcação de fronteiras. Após o espanto e reconhecimento iniciais (“*Está bem, agora que nos vimos um ao outro – disse o Unicórnio – se você acreditar em mim, acreditarei em você. Negócio fechado?*”), as tensões e fobias resultantes do encontro são resolvidas através do estabelecimento de limites do espaço conferido a cada um.⁴

O que se pretende no presente trabalho é fazer um estudo de Dora, personagem principal do filme “Central do Brasil”, no que concerne à sua visão em relação ao outro, tentando enquadrá-la na tipologia proposta por Myriam Ávila. Para tal, percorreremos trechos do filme, acompanhando a evolução da personagem em sua insólita trajetória.

Em seu artigo, Myriam Ávila já prevê que as modalidades propostas não são excludentes, ou seja, em uma confrontação empírica estes diferentes tipos de encontro podem co-existir. É justamente aí que reside o interesse

⁴ É interessante notar a dimensão *nonsense* ou de certa forma humorística dos textos utilizados para ilustrar as diferentes modalidades, evidenciando de forma satírica as características de cada tipo de encontro.

de analisar o olhar de Dora em relação ao outro tomando como base a tipologia proposta pela autora. A riqueza de nuances dos encontros da personagem é tão grande que, no decorrer da narrativa, podemos encontrar traços característicos de todas as quatro categorias anteriormente descritas. Esta riqueza parece até mesmo justificar um quinto tipo de encontro — que chamarei aqui de **Transformação** como será exposto no trabalho a seguir.

Dora e a relação colonizadora

Nas primeiras cenas de “Central do Brasil” podemos ver Dora escrevendo cartas para analfabetos e observar a relação que se estabelece entre esta e seus “clientes”. Os clientes são o radicalmente outro porque existe um grande fosso que os separa: a capacidade de ler e escrever. É esta capacidade que confere à Dora o poder sobre a vida dos analfabetos que a procuram e se submetem voluntariamente a ela, que decide de acordo com seus próprios parâmetros quais cartas serão postadas e quais irão para o lixo. Conhecimento é poder, e assim como Próspero em “*The Tempest*” de William Shakespeare alcança o poder através do conhecimento proveniente de seus livros, Dora obtém o dinheiro e a submissão de seus clientes iletrados através da escrita.

A relação que se estabelece entre Dora e seus clientes pode ser analisada a partir dos seguintes diálogos:

CLIENTE

Faz tempo que eu não tenho recebido carta lá de casa. Eu acho que eles não recebem as cartas que eu mando.

DORA

O Senhor sabe que não dá pra confiar nessa porcaria desse correio... É vai ver eles também podem ter se mudado.

CLIENTE

A senhora acha mesmo...

DORA

É um real, Seu Sérgio.

E então Seu Sérgio, o cliente, parte deixando mais um real com Dora. Em outra ocasião, Dora escreve para mais um analfabeto. A nova cliente, Ana, é mais uma entre os milhões de nordestinos que esperançosamente se deslocam para o sudeste em busca da felicidade. Acompanhada de seu filho, o pequeno Josué, Ana tenta se comunicar com o pai do menino:

ANA

Jesus, o Josué, teu filho, quer muito te conhecer e tá querendo ir aí pra Bom Jesus passar uns tempo...

DORA (interrompendo com ar de reprovação)
Tempos.

...

ANA

Me dá uma força, minha senhora...

DORA (redigindo a carta para Ana)

Jesus, sinto muito a tua falta. Me dói acordar e não ter você ao meu lado. Queria deixar o último fio preto de cabelo da minha cabeça pra você tirar

ANA (emocionada)

Isso, isso!

Apesar das evidentes diferenças, este tipo de encontro apresenta algumas semelhanças com a modalidade a qual Myriam Ávila chama de “Colonização”. Apesar de não haver a relação colonizadora no seu sentido mais estrito, há a submissão do outro e a estratégia de impressioná-lo com aparatos desconhecidos (neste caso, a palavra). Enquanto Colombo utiliza chapéus, plumas, navios e trejeitos para legitimar sua dominação, aqui a palavra é usada como comprovação da superioridade de Dora em relação àqueles que não sabem escrever, estabelecendo-se deste modo uma hierarquia: Dora assume a figura dominadora, detentora do conhecimento, e seus clientes voluntariamente assumem o papel de dominados.

Dora e a relação fantasmática

Num segundo momento, após a morte de sua mãe, Josué encontra-se no apartamento de Dora e acidentalmente descobre, esquecida numa gaveta, a carta que deveria ter sido postada para seu pai. Dora e Josué travam, então, o seguinte diálogo:

DORA

Que que você tá fazendo aí, moleque?! Você sabe ler? Já sei. Tá pensando que eu não vou mandar a carta da sua mãe? Não, não é nada disso menino. Eu tive uns dias de cão e ainda não tive tempo de botar no correio.

JOSUÉ

Eu vou levar essa carta pro meu pai. Me dá ela!

DORA

Que é isso? Tá maluco?! Você sabe onde teu pai mora? Mora [no Nordeste] a milhares de quilômetros daqui. Mora noutra planeta, tá.

JOSUÉ

Eu vou lá entregar.

DORA

Você nunca vai chegar lá.

Para Dora o distante Nordeste é um outro planeta, um mundo paralelo àquele em que ela vive, um lugar onde é impossível Josué chegar. Essa visão projetada do outro, não a partir da experiência empírica, mas sim através de um certo imaginário que atribui ao outro um caráter não humano (o pai de Josué mora em outro planeta, como se fosse um extraterrestre) aproxima-se da modalidade de encontro chamada por Myriam Ávila de “Fantasmático”. Se no caso de Koster (o viajante inglês anteriormente mencionado) o outro é representado como um bicho herético que não pode ter aspecto de homem, no caso de Dora o outro é representado como habitante de uma terra inatingível, quase um alienígena. Nas duas situações a preservação ou afirmação do “eu” se dá a partir da projeção fantasmática, imaginária do outro, que passa a ser representado de forma não humana.

Dora e a relação de turista

No decorrer da narrativa, quando Dora forçosamente se encontra viajando com Josué pelo interior do Brasil podemos notar nitidamente uma atitude de distanciamento que a personagem toma em relação ao ambiente que a cerca. Isto fica bastante evidente quando os dois sobem na carroceria de um caminhão e Dora não se integra ao grupo que canta os “benditos” (canções de romaria) e se nega a comer a carne seca oferecida por um dosromeiros. Ao chegar em Bom Jesus, Dora permanece alheia a toda movimentação causada pela festa religiosa em andamento. A idéia é cumprir a sua tarefa (devolver o menino ao pai) sem que as sensações e experiências novas interfiram no seu “eu” já constituído (assim como o senhor Palmström, personagem anteriormente utilizado para ilustrar este tipo de encontro). Sob este prisma podemos ver alguns pontos de interseção com o “Turista” do artigo já mencionado. A diferença reside no fato de que o turista proposto por Myriam Ávila tem o desejo de viver as experiências no território do

outro, armazenando o que viveu em forma de diário, fotografia ou filmagem e o faz *voluntariamente*. No caso de Dora, a viagem é circunstancial e *involuntária* (de qualquer modo fica claro que nos dois casos a experiência não entranha o viajante, não passa a ser parte de sua própria constituição). Por isso, podemos sugerir uma subclassificação à modalidade “Turista” proposta por Myriam Ávila que aqui chamaremos de “Turista Acidental”, aquele que realiza a viagem alheio à sua própria vontade, movido pelas circunstâncias comumente adversas em que se encontra. Este tipo de viajante parece ser uma constante em vários relatos de viagem dentre os quais podemos citar o próprio livro de Anne Tyler “*The Accidental Tourist*”, que se transformou em um belo filme de Lawrence Kasdan em 1988, assim como o *Cândido* de Voltaire que realiza suas viagens “empurrado” pelos acontecimentos que se sucedem.

Dora e a demarcação de fronteiras

Finalmente, ao encontrar os irmãos de Josué, Dora parece passar a um estágio mais avançado de encontro com o outro. Já existe aqui o diálogo e o reconhecimento do outro como ser autônomo, portador de uma voz, de uma experiência de vida. Os irmãos de Josué não são apenas mais um rosto objetificado na multidão de romeiros de Bom Jesus. Dora sorri, interage, dialoga com aqueles estranhos, mas em todo momento fica clara a “**demarcação de fronteiras**” (outra modalidade proposta por Ávila). Fica claro que Dora é a forasteira, a visitante (da mesma forma que Alice no País das Maravilhas). A sua família não é aquela, o seu lugar não é aquele e nem tampouco é aquela a sua casa. Isto evidencia-se mais fortemente quando Dora decide na calada da noite partir antes que estas fronteiras se tornem ainda mais frágeis, tênues e tornem assim a separação com Josué mais dolorosa.

Dora e sua transformação

É interessante notar que todos os tipos propostos por Myriam Ávila são exemplos insatisfatórios, negativos até, de encontro. O encontro com o estranho é quase sempre nulo, assustador, doloroso e/ou traumatizante e todos os encontros vividos por Dora parecem realmente reforçar essa

idéia. A emocionante cena final do filme, entretanto, nos aponta para a possibilidade da existência de uma relação mais frutífera, positiva com o outro. Ao partir deixando Josué com seus irmãos, Dora demonstra uma sensibilização e uma transformação que se expressam na carta escrita pela mesma ao garoto:

DORA

Josué,

Faz muito tempo que eu não mando uma carta para alguém. Agora eu estou mandando essa carta para você. Você tem razão. Seu pai ainda vai aparecer, e com certeza ele é tudo aquilo que você diz que ele é. Eu lembro do meu pai me levando na locomotiva que ele dirigia. Ele deixou eu, uma menininha, dar o apito do trem a viagem inteira. Quando você estiver cruzando as estradas no seu caminhão enorme espero que você lembre que fui eu a primeira pessoa a te fazer botar a mão num volante. *Também vai ser melhor para você ficar aí com seus irmãos. Você merece muito, muito mais do que eu tenho pra te dar.* No dia que você quiser lembrar de mim, dá uma olhada no retratinho que a gente tirou junto. Eu digo isso porque tenho medo que um dia você também me esqueça. Tenho saudades do meu pai. Tenho saudades de tudo...

Dora

O otimismo demonstrado no início da carta, a tentativa de resgate da infância perdida e o *reconhecimento do outro como alguém melhor* apontam uma metamorfose tão grande causada pela viagem e pelos encontros da personagem que podemos sugerir uma complementação dos tipos propostos por Myriam Ávila. Numa etapa muito mais avançada que a do “Turista” e a da “Demarcação de Fronteiras”, a Dora resultante da viagem e seus encontros é uma Dora muito mais sensível e transformada, tocada pelas descobertas e redescobertas de vários “eus” que se encontravam adormecidos, letárgicos. As experiências vividas por Dora definitivamente interferem no seu “eu” já constituído, alteram a sua própria identidade e passam a ser parte de sua própria constituição, ilustrando a modalidade que chamarei de “Transformação”. Como o próprio nome ilustra, o viajante transformado é aquele cuja identidade do “eu” é atingida, tocada, sensibilizada, transformada. A experiência do não familiar causa uma mudança profunda e duradoura na existência do viajante.

Ao ilustrar um grau de aproximação do *radicalmente outro* mais profundo e positivo, tentou-se, no presente trabalho, contribuir para a reflexão da possibilidade de um encontro onde as diferenças sejam elementos construtores,

benéficos para ambas as partes.⁵ E, sobretudo, onde a resistência, a indiferença e/ou o pânico inicial diante da alteridade possam dar lugar a trocas reais, positivas e transformadoras. Para uma comprovação empírica de tal possibilidade, faz-se necessário um amplo levantamento de relatos de viagem e encontros onde possamos observar tal transformação (tema oportuno para um próximo artigo).

Referências bibliográficas

CARNEIRO, João Emanuel; BERNSTEIN, Marcos. *Central do Brasil / Roteiro de João Emanuel Carneiro e Marcos Bernstein baseado em história original de Walter Salles*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.

SANTOS, Luiz Alberto Brandão; PEREIRA, Maria Antonieta (Org.). In: *Trocas Culturais na América Latina*. Belo Horizonte: Pós-lit/NELAM/FALE-UFMG, 2000. p. 143-150.

SHAKESPEARE, William. *Final plays: pericles, cymbeline, the winter's tale, the tempest, the two noble kinsmen*. London: Longman, 1965.

TYLER, Anne. *O turista Acidental*. São Paulo: Círculo do Livro, 1985.

VOLTAIRE, Francois Marie Arouet de. *Cândido*. São Paulo: Unitas, 1977.

⁵ Não podemos esquecer que o personagem Josué também se transforma positivamente a partir do encontro com Dora. Esta transformação pode ser notada de forma mais evidente na paulatina diminuição de sua agressividade no decorrer da narrativa.